

# **A3 - O BALÉ ENQUANTO PROCESSO ABERTO E EM TRANSFORMAÇÃO CONTÍNUA NA FORMAÇÃO DE LICENCIADOS**

GTT: Educação Física & Danças: contextos educativos

## **Resumo:**

No presente artigo propomos uma reflexão sobre o ensino de balé na formação de licenciados em Dança no Rio Grande do Sul. A metodologia segue um estudo exploratório-descritivo combinado. Percebeu-se que nas instituições pesquisadas já se propõem o desenvolvimento de outras estratégias na parte prática das aulas. Dessa forma, considera-se interessante que as aulas consigam refletir e praticar a docência do balé, privilegiando tanto os alunos com experiência prévia na técnica como aqueles que não possuem vivências anteriores.

**Palavras-chave:** balé; metodologia; formação docente.

## **1- INTRODUÇÃO**

O presente artigo intitulado “O balé enquanto processo aberto e em transformação contínua na formação de licenciados” é um recorte da pesquisa realizada em 2013, como trabalho de conclusão de curso. Onde foi proposta uma reflexão sobre a inserção do ensino de balé<sup>1</sup> na formação de licenciados em Dança nas Universidades do Rio Grande do Sul.

O balé permeia a trajetória na dança de todas as autoras desse artigo. Muitas vezes ouvimos nossos professores exaltando essa técnica, inclusive com argumentos envolvem o conceito de que esta é a base de todas as danças.

Em nossas experiências, atravessam-se vivências como bailarinas e como instrutoras da técnica. O que fez com que questionássemos o motivo pelo qual se percebe, quase sempre, grande rigidez e a intenção de domar corpos no ensino do balé.

Acreditamos que o ensino está sempre em construção e que precisamos nos modificar, mas percebemos que o que vivenciamos, muitas vezes foi baseado na mera reprodução de movimentos. Desenvolvido sem reflexão sobre os princípios da técnica, sem adequação à anatomia dos corpos e, ainda, sem levar em consideração os objetivos do indivíduo contemporâneo.

Considerando este artigo um recorte, quando realizamos a pesquisamos propusemos a responder à seguinte pergunta: Quais são as transformações necessárias ao método tradicional

---

<sup>1</sup> A palavra francesa ballet tem sua origem no italiano “ballare”, que significa bailar ou dançar, Este estudo não se propõe a discorrer sobre a nomenclatura, porém fez-se necessário esclarecer uso do termo balé, adotado por mim nesta pesquisa, visto que já foi incorporado à Língua Portuguesa.

do balé para que o mesmo seja desenvolvido na formação de licenciados em Dança nas universidades do RS?

Ao desenvolver esse artigo, o objetivo principal é descrever as transformações que foram vistas nas aulas de balé na universidade. Outros objetivos que se agregam ao objetivo principal e auxiliam no desenvolvimento da pesquisa são: destacar questões pertinentes do ensino de balé nos Cursos de licenciatura em Dança do RS e identificar que outros saberes estão relacionados a essa adaptação para a formação de licenciados em Dança.

Primeiramente é preciso esclarecer o que chamamos de ensino ou método tradicional do balé uma concepção que vem sendo desenvolvida e reproduzida com os mesmos princípios ao longo de vários anos. Adotamos a definição de tradição, assim como Lawson (1980 apud WOLFF 2010, p. 44) “opinião ou crença nos costumes determinados, princípios literários ou artísticos baseados na experiência acumulada ou uso continuado.”

Uma questão que nos deixa bastante intrigadas, são os motivos pelo qual o balé, que é uma técnica solidificada e difundida pelo mundo, tem sua origem ainda contraditória e inexata. Alguns autores como Rengele Langendonk (2006), dizem que o balé se desenvolveu na Itália, no século XV. Já Faro (2004), defende a teoria que divide a dança em três etapas: étnica, folclórica e teatral, o balé, aqui analisado, se enquadraria na terceira etapa que, segundo ele, começou a ser desenvolvido com o rei Luís XVI, em 1661, na França. No livro História da Dança no Ocidente o autor afirma que:

[...] desde o século XII, havia sido encontrado na França o princípio da dança metrificada, da dança de corte. Vimos também que os mestres italianos do *Quattrocento* aperfeiçoaram-na, tendo os franceses codificado a técnica da dança. Mas não encontramos em data precoce, na Itália, ações dramáticas traduzidas essencialmente pela dança, não encontramos verdadeiros espetáculos de balé. (BOURCIER, 2001, p.79)

Com toda a evolução e difusão pelo mundo, o balé modificou sua estrutura inicial, porém é importante ressaltar que isso aconteceu principalmente nas formas de compor novas coreografias, e não tanto nas aulas propriamente ditas, que continuavam apresentando as formas e estruturas tradicionais. Após a instauração de um método de ensino do balé, suaves, lentas e poucas transformações aconteceram na forma de ensinar.

A forma mais comum de se ensinar/aprender balé é através de demonstração e imitação. Pode-se perceber, conforme afirma Wosien (2000, p. 73) que:

O método didático da dança clássica caracteriza-se por: demonstração, imaginação e imitação e por incansáveis repetições. Da parte do aluno requer-se, sobretudo confiança e veneração incondicionais para com o mestre. Da parte do professor faz-se necessária uma consciência de responsabilidade, paciência e sensibilidade para com a individualidade do aluno e, o que é muito importante, disponibilidade real do tempo necessário.

Portanto, a repetição deve ser aplicada de forma cuidadosa e conforme as peculiaridades de cada aluno, sempre respeitando seus limites

[...] a repetição, teórica ou prática, faz parte da aquisição de habilidades, seja para a vida ou para a dança. A formação obtida através desta filosofia deixa marcas profundas e quase inconscientes, tanto no padrão neuromuscular quanto na maneira de pensar e compreender o movimento pelo indivíduo. (WOLFF, 2010, p. 69).

A autora sugere, ainda, que o uso de repetições no ensino do balé deva ser realizado com cautela de maneira a adequar-se aos limites e possibilidades de cada indivíduo.

Mas essa não é necessariamente uma “vilã” metodológica. Pois a repetição como estratégia em seu sentido amplo pode proporcionar a ‘reafirmar; reforçar; recapitular; retomar; revisar; recordar; reiterar<sup>2</sup>’. Cabe ressaltar que a referência citada foi dada em uma aula de composição coreográfica, mas acredito servir também para uma aula de balé.

E a reprodução tende a reforçar uma ideia de ser a mera transferência de conhecimentos, que em diversas ocasiões acontece de forma vazia, conforme aborda Queiroz (2010, p.95) “[...] um inimigo comum: a mera transferência do conhecimento existente como um fim em si, o avanço da alienação dos meios de produção do conhecimento, e falta de pensamento crítico.” Essa é uma maneira que, quando utilizada, isoladamente é uma forma muito limitada de ensino.

Acreditamos em outras possibilidades e estímulos, que possam agregar-se a metodologias. Como por exemplo, o tocar nos alunos, que auxilia na forma de ensinar.

É desejável que o aluno possa ver o professor demonstrar o que ele propõe, mas a demonstração do professor deveria idealmente ser acompanhada de estímulos para que o aluno recolha, em sua experiência vivida, os verdadeiros índices que lhe revelarão como reproduzir o que viu. (FORTIN, 2004, pág. 168)

---

<sup>2</sup> Sinônimos abordados em uma aula de composição coreográfica da professora Eleonora Campos Motta, no curso de Dança Licenciatura da UFPEL em 2010.

O balé é uma técnica que ainda está bastante amarrada a questões como uma disciplina excessiva, as repetições até chegar à perfeição e ao virtuosismo. Grande parte das pessoas que praticam balé em espaços nãoformais objetivam chegar à perfeição. Seria essa a proposta de ensino do balé na Universidade? E ainda para graduandos de uma licenciatura em dança?

Então, com que finalidade ensinar balé na Universidade? Ou ainda o que cabe ensinar para esse público? E, principalmente como ensinar? As metodologias que vêm sendo adotadas para o ensino da dança podem auxiliar a responder, ou pelo menos, proporcionar uma reflexão mais profunda a respeito.

Sabe-se que a capacidade criadora é um fator pouco desenvolvido em aulas tradicionais de balé, já em outras aulas como, por exemplo, as de dança contemporânea, é notável o uso de criatividade e improvisação. Mas seria possível acrescentar dentro de uma aula de balé esses dois conceitos?

Outro fator que deve ser levado em consideração é o quanto as novas metodologias de ensino da dança se preocupam com a consciência e a percepção corporal. Para essas concepções é importante que o indivíduo se compreenda enquanto corpo. Pois conforme as ideias de Sampaio (2001, p.21), “somos o que parecemos ser. Nosso corpo somos nós. O modo de parecer é o modo de ser. Por isso é tão fácil conhecer o íntimo dos bailarinos. É só observar os seus corpos.” A contribuição que esse conhecimento de si é capaz de trazer para uma aula de balé pode ser de suma importância. Nesse sentido, seria interessante constatar se o autoconhecimento é contemplado a partir das possíveis transformações no ensino do balé.

Aquele que educa em/pela Arte deve compreender a importância de ser um artista. Através dos processos artísticos são constituídos processos educativos. Não devemos distanciar essas duas práticas, na verdade elas se juntam e se completam. O que muitas vezes percebemos é que um bom artista não necessariamente é um bom professor. Porém, já se tornou um hábito cultural a iniciação de professores de balé decorrente das experiências como aluno. Em outras palavras, o que é visto na maioria das vezes são professores que começaram a dar aula enquanto ainda alunos, geralmente para turmas de crianças e com o intuito de bancar as despesas de seus estudos no balé. Ainda é comum que os mestres de balé tenham uma formação informal, realizada dentro das academias e escolas de balé, construída por alguns anos de experiência. Referindo-se às ideias de Strazzacappa; Morandi (2006, p. 92), “no Brasil ainda é comum ocorrer de adolescentes que se destacam como bailarinas serem convidadas pelas academias, ou escolas de dança, para ensinar as turmas menores”.

Pensando na perspectiva dos cursos estarem contribuindo na formação de futuros professores que possam vir a atuar no ensino formal, é necessário refletir sobre o que se quer da inserção de professores de dança na escola. Acreditamos que se espera que os aprendizes estejam aptos a apresentar para seus alunos os gêneros de dança existentes, incluindo o balé. Mas será possível que um professor que não tenha vivência alguma com o balé possa apresentar aos seus educandos esta técnica tão consistente? Buscamos nos aproximar dessa resposta baseando-me nos resultados obtidos durante a pesquisa.

Creemos que é legítimo o desenvolvimento de aulas de balé para futuros professores. Mas de uma forma que não vise à formação técnica específica de profissionais que atuem com balé, porém às aulas que possibilitem o conhecimento histórico, o aprendizado de princípios básicos da técnica, a capacitação do uso de ferramentas para apresentar a técnica de forma crítica, na escola, e, principalmente, a vivência de praticar o balé.

## **2- PERCURSO METODOLÓGICO**

A escolha por realizar uma pesquisa de caráter predominantemente qualitativo se dá, principalmente, por oportunizar a possibilidade de um aprofundamento maior nas reflexões sobre o tema e o problema. Assim como afirma Goldenberg (2000, p. 49), “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social”.

Segundo Minayo (2009) a pesquisa de cunho qualitativo aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, sendo assim, neste estudo as informações coletadas fazem parte de relações humanas que se articulam, através da Arte, de uma forma sensível.

A classificação quanto ao tipo de pesquisa, segundo Lakatos; Marcononi (2003), é um estudo exploratório-descritivo combinado, que tem como objetivo primordial descrever completamente determinado fenômeno, podendo ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores e os alunos das disciplinas que abordam o balé e suas especificidades, aqueles que compõem o ensino de balé nos cursos de licenciatura em Dança no RS.

Os instrumentos são as ferramentas utilizadas para coletar os dados necessários, para que se alcance os objetivos de responder a um problema de pesquisa através dos resultados da

mesma. Para a pesquisa foram usados, a observação, a entrevista, o questionário e as fontes documentais.

Em um primeiro momento foram definidas as Universidades que fariam parte da pesquisa, com o propósito de coletar dados em todos os cursos de licenciatura em Dança do Rio Grande do Sul que tivessem aulas de balé sendo ofertadas no momento da pesquisa. Foi necessário retirar da participação a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), primeiro por se tratar de aulas que continham alunos da licenciatura não somente, porém também do bacharelado. E ainda porque a co-orientadora desta pesquisa assumiu durante o seu andamento as aulas de balé do curso.

Após realizado o primeiro contato com as instituições pesquisadas, e em seguida com as professoras dos cursos, através de *e-mail*. Assim que aceito o pedido de coleta de dados nas Universidades com as professoras de balé, foi marcada a visita presencial que já fez parte da primeira observação.

Não foi possível realizar mais do que uma observação. Porém cabe ressaltar que o número de observações realizadas supriram as necessidades da pesquisa, tendo em vista o uso de mais três instrumentos importantes.

As observações aconteceram no dia oito de junho na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no dia onze de junho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade Luterana do Brasil, e apenas no dia dezesseis de julho na Universidade Federal de Pelotas, devido à greve na instituição.

As entrevistas realizadas com as quatro professoras ministrantes das disciplinas que abordam os princípios do balé, tiveram duração entre vinte e três minutos a menos longa e uma hora e vinte e dois minutos a mais longa. Foram gravadas em mídia MP3 e posteriormente transcritas com fidelidade, sem alterar o vocabulário utilizado.

Por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, decidimos utilizar na coleta dos questionários uma amostra de 20% dos alunos de cada turma, das quatro Universidades pesquisadas. Portanto responderam ao questionário dois alunos na UERGS e na ULBRA, três na UFPEL e seis na UFRGS. Pedimos que as professoras escolhessem os alunos para responderem aos questionários de acordo com o critério dos mais assíduos. Porém precisamos nos adaptar à realidade, contemplando os alunos que tivessem maior disponibilidade para responder. Em duas das instituições, as perguntas foram respondidas antes do início da aula e, em outras duas, após o encerramento da aula.

Os planos de aula foram ferramentas que não estavam previstas no projeto de pesquisa, mas que se tornaram importantíssimas a partir do momento que deram uma visão

ampla do que já havia sido desenvolvido nas aulas, bem como dos objetivos, da avaliação e ainda de informações como nome e carga horária da disciplina. Esses foram pedidos pessoalmente no dia da visita, e encaminhados por três das professoras via e-mail e por uma entregue pessoalmente impresso. Acreditamos que o fato de elas terem enviado os documentos com as informações sobre as disciplinas, possibilitou que aproveitássemos melhor o tempo da entrevista para aprofundar questões que não estavam explícitas nos planos de ensino.

A duração da presente pesquisa foi de maio a agosto de 2013. Durante a pesquisa foi entendida como uma categoria de análise que dá nome ao título desse artigo, os resultados que serão aqui expostos. Por isso mais uma vez ressaltasse que para esse artigo foram selecionados alguns resultados que se fizeram presentes na categoria O BALÉ ENQUANTO PROCESSO ABERTO E EM TRANSFORMAÇÃO CONTÍNUA NA FORMAÇÃO DE LICENCIADOS.

### **3- RESULTADOS**

Questionávamos muito sobre a necessidade de algumas alterações nos métodos de ensino. Vimos inúmeros alunos desistindo, quase sempre com a justificativa de estarem “enjoados” das aulas. Essa aversão foi observada em algumas das aulas nas Universidades pesquisadas, e relatada na fala da “professora B” quando perguntado sobre qual é o maior desafio de trabalhar com o balé na Universidade

Eu acho que o maior desafio pra mim sempre foi que as pessoas não tivessem aversão a isso. Porque tu encontra muita resistência hoje em dia, uns porque acham que tão sendo colonizados com essa informação, outros porque não faziam e não vêem sentido em fazer em experimentar. Ai o meu argumento é conhecer, conhecer uma parte histórica da dança, pelo seu próprio corpo, pelo seu próprio fazer. (informação verbal<sup>3</sup>)

É importante ressaltar que apenas um aluno, de todos que responderam aos questionários, diz não gostar das aulas de balé. Acreditamos que isso é fruto da dedicação das professoras por construírem aulas interessantes. Concordamos que

Ao professor cabe revelar as suas experiências, ou até mesmo as experiências de outros, conduzir seus alunos por caminhos mais confortáveis, ser “bons olhos”, mostrar aquilo que o espelho não revela, mas, cabe aos alunos as sensações, saber guardá-las, armazená-

---

<sup>3</sup>Informação fornecida por “professora C”, em entrevista proferida no dia onze de junho.

las, tê-las como um repertório de possibilidades, para usá-las quando necessário. (SAMPAIO, 2013, p. 186)

Muitas vezes o ensino do balé é preso a um determinado método ou escola, e o professor esquece que cada aluno aprende de forma diferente, e que os corpos são diferentes. Essa não é a realidade observada nas três aulas que seguiam os métodos, ao contrário disso as professoras demonstraram ser flexíveis mesmo utilizando um padrão tradicional, que Vianna aborda ao refletir:

[...] Não podemos aceitar técnicas prontas, porque na verdade as técnicas de dança nunca estão prontas: têm uma forma, mas no seu interior há espaço para o movimento único, para as contribuições individuais, que mudam com o tempo. Essas técnicas continuarão existindo enquanto existir a dança, enquanto existirem bailarinos. Taglioni e Pavlova não reconheceriam o balé clássico que se dança hoje em dia – que, na essência, é o mesmo balé clássico de outros tempos. O balé clássico não é dessa ou daquela forma: ele está em movimento e continuará existindo enquanto fizer parte do mundo em que vivemos. A evolução está em todo lugar e a dança não escapa dessa lei. (2005, p. 82).

Ao olhar para as aulas nas Universidades pesquisadas, mesmo nas três que mantinham a progressão tradicional, não tivemos a impressão de aulas idênticas. Percebemos que nas instituições pesquisadas já se propõem o desenvolvimento de outras estratégias na parte prática das aulas. O que se relaciona com a ideia de Sampaio (2000) de que o balé não está preso ao passado. A técnica está sempre em evolução e o aprendizado é um processo, assim como aborda ROSÁRIO (2013, p. 8)

[...] falar sobre técnica, especialmente em dança, é considerá-la como um procedimento que se transforma, sem que haja perdas dos seus fundamentos básicos. Apesar de todo este pensamento, muitos estudantes e profissionais de dança ainda a relacionam com a prática de um treinamento físico exaustivo, repetitivo e ultrapassado que causa lesões aos praticantes.

Mas a parte prática das aulas realmente não foram os momentos em que conseguimos encontrar as maiores alterações. É preciso dizer que a principal transformação se dá devido a imersão das aulas no contexto da licenciatura. Pois os objetivos a que se propõe a Universidade fazem com que as professoras alterem suas aulas.

Primeiramente no ambiente acadêmico é necessário inserção de teorias que consolidem as aulas, mesmo dentro de uma aula prática elas não devem estar dissociadas.

“Hoje, a dança frequenta os bancos das universidades. Discutimos não só *pliés* ou piruetas, mas o sentido que esses passos têm dentro do nosso trabalho, que evolução estamos experimentando, que mudanças estamos testemunhando na nossa história, e quantos ainda estão alheios a tudo isso. (SAMPAIO, 2000, p. 265, grifo do autor)

A presença dos processos de avaliação foi outro fator que trouxe alterações, pois mesmo que algumas escolas de balé tenham propostas de avaliar a fim de aprovar ou não seus alunos para o próximo ‘grau’, a finalidade é completamente diferente do contexto da Universidade. Nos quatro cursos observados, a avaliação não visava à execução dos movimentos com maior virtuosidade, mas ao entendimento da progressão e dos passos aprendidos ao longo do semestre.

É importante relatar a demanda da existência e do quanto esteve presente nas instituições o uso de trabalhos como seminários, pesquisas, leituras e outras. O que se difere do que tradicionalmente é visto nas escolas de balé.

Nas graduações em Dança pretende-se que as disciplinas se inter-relacionem. E o balé não fica fora dessa teoria. Os saberes deste gênero estiveram agregados aos saberes de outras disciplinas como à história da dança e às pedagogias de ensino.

Mas existe uma ligação que acreditamos ser indissociável da prática do balé, bastante presente nas propostas das educadoras pesquisadas, que é a conexão entre os conteúdos da anatomia e da cinesiologia dentro do balé. Domencicrítica o não uso dessas relações quando afirma que:

É bastante comum, nos cursos universitários de dança, os professores de técnica declararem *sim, os dançarinos precisam saber anatomia*, mas, na prática, as técnicas de dança e a análise do movimento permanecem isoladas uma da outra, seja por falta de disposição para interagir de uma parte ou da outra, ou de ambas. São raros os professores de anatomia e cinesiologia com abordagens específicas para dança e com disponibilidade de interagir com as aulas de técnica; ao mesmo tempo, é bastante comum os professores de técnica sentirem-se ameaçados pela cinesiologia, porque ela aumenta a capacidade crítica dos alunos. (2010, p.82)

Percebemos que nas instituições pesquisadas já se propõem o desenvolvimento de outras estratégias na parte prática das aulas. Repensando sobre as transformações que ocorrem

por a aula estar inserida na formação de futuros licenciados, é preciso que o professor ensinando dê ênfase à compreensão de que os alunos não saem formados professores de balé e sim de Dança, essa ideia esteve bastante presente nos relatos das professoras. É preciso que o professor encontre as estratégias que podem estar relacionadas com possíveis reflexões sobre o ato de ensinar, para auxiliar seus alunos nessa compreensão.

Mesmo que não virem professores de balé, pelo fato de ser uma licenciatura em Dança, é interessante que os professores tragam para suas aulas discussões sobre metodologias, métodos e abordagens. Como se ensinava e como deve ser ensinado o balé na contemporaneidade. Não com a pretensão de se alcançar uma verdade absoluta, mas de discutir a fim de construir ideias sobre. Cabe dizer que o tema dessa reflexão esteve presente apenas na fala da “professora A”, e não apareceu nas observações.

Os discursos mais tradicionais não foram as falas das docentes, nas instituições pesquisadas. Conforme Sampaio (2013, p.187)

Em minhas caminhadas por este país, tive a impressão de que há, entre alguns professores de balé, um pensamento equivocado sobre o ensino da dança clássica. Que, por ser o balé uma técnica a muito tempo codificada e manter em seu repertório tradicional valores éticos e artísticos elaborados em períodos onde a política sócio-cultural e a moral eram outras, esses ideais não possam ser adaptados ou transportados para uma vigência atual, e, por ser um sistema a muito tempo experimentado, possa produzir um efeito de produção em massa, como em uma montadora de automóveis. (SAMPAIO, 2013, p. 187)

Acreditamos que é possível utilizar metodologias tradicionais, e ao mesmo tempo promover transformações nas aulas de balé, como foi visto nas aulas. Portanto o balé é um processo aberto e em transformação contínua, inclusive na formação de licenciados em Dança do RS.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou descrever as transformações em relação ao método tradicional do balé, para que o mesmo seja utilizado na formação de licenciados em Dança nas Universidades do RS.

Das mudanças que foram observadas destacamos as duas principais, que são o uso dos saberes da educação somática para a melhor apreensão da própria técnica do balé,

buscando um entendimento do movimento e colaborando com a prevenção de lesões; e a inserção de momentos teórico-reflexivos associados à prática do ensino de balé.

Não encontramos aulas que se propunham a padronizar corpos, domesticá-los ou discipliná-los, nelas os alunos nem mesmo eram obrigados a vestirem os uniformes específicos de práticas do balé, e as turmas eram heterogêneas quanto às experiências individuais com o balé. Os objetivos do balé inseridos nos cursos de licenciatura do RS não são de virtuosismo, reprodução vazia (sem consciência do que se faz) e treinamento exaustivo. O que vi foram docentes dispostas a construir conhecimento com seus alunos sobre essa técnica tão consolidada, difundida e de uma relevância histórica muito importante para quem estuda a Dança.

Uma mudança bastante importante foi percebermos as relações dialógicas a que se propunha o ensino nas instituições pesquisadas contrapondo-se com a incoerente visão de uma educação hierárquica, em que o professor detém o conhecimento e o transfere a seus alunos através da imitação.

Foi possível identificar outros saberes que complementam as práticas docentes. Além dos saberes da educação somática, estiveram agregados conhecimentos de anatomia; cinesiologia; história da dança; dança contemporânea; e pedagogia da dança.

Com a escrita desse artigo percebemos que seria interessante se as aulas conseguissem dar conta de refletir e praticar mais sobre a docência do balé, o que privilegiaria tanto os alunos com experiência prévia na técnica como aqueles que não possuem vivências anteriores. Essa ideia que trazemos é devido a pesquisa ter sido voltada em específico para as **licenciaturas** em Dança. Completamos dizendo o quão importante são as reflexões sobre a introdução de gêneros de dança nas licenciaturas. Acreditamos ser interessante haver mais de uma disciplina para dar conta de tudo que compõe a técnica, os princípios, a história e a pedagogia do balé.

## **REFERÊNCIAS**

BOURCIER, Paul. **História da dança no ocidente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

DOMENICI, Eloisa. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. (2010) FARO, Antonio José. **Pequena história da dança**. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

FORTIN, Silvie. Transformações de práticas de dança. In: **Lições de Dança 4**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004. p. 161-173

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 9-29.

QUEIROZ, Lela. A subversão do balé. **Ensaio Geral**, Belém, v.2, n.4, p. 93-105, 2010.

RENGEL, Lenira; LANGENDONCK, Rosana Van. **Pequena Viagem pelo mundo da dança**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ROSÁRIO, Rosana Lobo. **Balekineis**: conexões entre os fundamentos do ballet e os princípios da gyrokenesis. 2013. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal do Pará, Belém.

SAMPAIO, Flávio. **Balé passo a passo**: história, técnica, terminologia. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SAMPAIO, Flávio. **Ballet Essencial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

SAMPAIO, Flávio. Balé: compreensão e técnica. In: **Lições de Dança 2**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000. p. 265-174

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência**: A formação do artista da dança. 2. ed. Campinas: Papirus, 2006.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. Klauss Vianna e Marco Antonio de Carvalho. São Paulo: Siciliano, 2005.

WOLFF, Silvia Susana. **Momento de transição**: Em busca de uma nova “eu” dança. 2010. 127f. Tese (doutorado) Programa de Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

WOSIEN, Bernhard. **Dança**: Um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.